

Dossiê - Literatura e investigação: enquete, entrevista, testemunho e reportagem nos séculos XIX e XX

Júlia Lopes de Almeida, a mulher de papel e os papéis de mulheres: das enquetes de João do Rio aos relatos de viagem da escritora

Júlia Lopes de Almeida, women's images and agency: from João do Rio's interviews to Almeida's travel-writings

Júlia Lopes de Almeida, la mujer de papel y los papeles femeninos: de las encuestas de João do Rio a los relatos de viajes de la escritora



Lucia Granja

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil
lgranja@unicamp.br



Ana Carolina Sá Teles

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil
anacarolinateles2009@gmail.com

Resumo: O estudo do conjunto da obra de Júlia Lopes de Almeida, inclusa a imprensa, desfaz apreciações paternalistas sobre seus textos. A enquete, a reportagem, as crônicas e os relatos de viagem jogam luz sobre a vida das mulheres que a escritora observava e sobre as condições materiais e sociais de mulheres-escritoras da época. Júlia já evidenciava os conflitos de identidade existentes com base na observação e análise dos papéis sociais de mulheres no geral e das artistas em específico. Nossa olhar contemporâneo sobre gêneros jornalísticos coetâneos à Júlia revela os espectros do silenciamento, a partir do negativo de uma fotografia.

Palavras-Chave: Júlia Lopes de Almeida; imprensa; literatura; crítica feminista; estudos de gênero.

Abstract: The study of Júlia Lopes de Almeida's works, including her contribution to the press, implodes paternalistic comments that surround her legacy. The interview, the investigative report, the "crônicas", and the travel writings shed light on women's lives, as well as on the circumstances of women-writers, observed in Júlia's time. Through her analyses, Júlia highlighted the existing identity conflicts regarding the social roles of women in general and of women-artists in specific. Our contemporary look at journalistic genres that were practiced in Júlia's period reveals the spectres of silencing like a photo negative.

Keywords: Júlia Lopes de Almeida; press; literature; feminist literary criticism; gender studies.

Resumen: El estudio del conjunto de la obra de Júlia Lopes de Almeida, incluida la prensa, deshace las valoraciones paternalistas de su trabajo. La encuesta, el reportaje, las crónicas, los relatos de viajes y las entrevistas arrojan luz sobre la vida de las mujeres que la escritora observaba y sobre las condiciones materiales y sociales de la mujer-escritora en su época. Júlia ya ponía de manifiesto los conflictos de identidad existentes, al observar y analizar los papeles sociales de las mujeres y de las artistas. La nuestra mirada contemporánea sobre géneros periodísticos similares al de Júlia revela los espectros del silenciamiento a partir del negativo de una fotografía.

Palabras clave: Júlia Lopes de Almeida; prensa; literatura; crítica feminista; estudios de género.

Submetido em: 28 de abril de 2025

Aceito em: 01 de agosto de 2025

Publicado em: 10 de fevereiro de 2026

1 Júlia Lopes de Almeida, da imprensa de Campinas ao Rio: enquetes e diagnósticos

Como nos ensinava Dominique Kalifa (2011, p. 37), o século XIX deu ao conúbio “justiça e literatura” uma “dupla e decisiva inflexão”, que une um interesse pela investigação judiciária e pelo imaginário (em suas formas artísticas) à constituição do gênero policial, de onde consta a dinâmica da investigação. Segundo Thérenty (2003), a literatura do século XIX precisa ser lida em conjunção com os periódicos,

não somente porque sem dúvida eles contribuíram para o nascimento dos gêneros literários (certamente o do romance-folhetim, mas igualmente o poema em prosa, o romance policial [...]) mas também porque a imbricação constante dos meios jornalísticos e literários no século XIX explica as mutações estéticas e sociológicas da literatura (Thérenty, 2003, p. 12, tradução nossa).¹

A entrevista, dessa forma, apresenta uma dupla estrutura e se constitui como um “evento de atualidade” – e a “atualidade” é uma característica das “Poéticas do Jornalismo” no século XIX (Thérenty, 2007) –, à medida que o relato decorrente da investigação se erige sobre um encontro no presente, entre jornalista e entrevistado (Thérenty, 2007).

Nesse amplo paradigma, João do Rio reafirma-se neste trabalho como homem de seu tempo (Camilotti, 2008), e não como um emulador de formas e jornalistas-escritores estrangeiros, como ele já foi definido. Ele agiu, na verdade, como um jornalista que saía a campo, colocando em prática o gênero “entrevista”. Naquela época, o gênero “entrevista de escritor” sucedeu a moda dos “retratos literários”, praticados nos jornais desde os anos 1830, sendo uma de suas formas a da “visita aos grandes escritores”. Isso

¹ “[...] non seulement parce que sans doute il a contribué à la naissance des genres littéraires (le roman-feuilleton certes mais aussi le poème en prose, le roman policier (...)) mais aussi parce que l'imbrication constante entre les deux journalistiques et littéraires au XIXe siècle explique les mutations esthétiques et sociologiques de la littérature [...].”

desdobrava a reportagem à moda inglesa como se deu nos anos 1870-1880 (um jornalista que ia ao encontro de uma personagem), completamente dentro do código do gênero que se alastrou na imprensa ocidental finissecular (Thérenty, 2007).

Nas palavras de Thérenty (2007, p. 331, tradução nossa),

[...] como a reportagem, a entrevista tem uma estrutura dupla: por um lado, ela traz as palavras do entrevistado, mas por outro ela encena de maneira extremamente codificada, e aliás frequentemente romanesca, as condições do encontro, criando um cenário.²

Diante disso, vivendo em uma civilização do jornal, Rio criava seus textos romanescentemente trabalhados, compondo de maneira viva o cenário em que se haviam anunciado as palavras do entrevistado. Foi assim que produziu a série “O momento literário” para a *Gazeta de Notícias* entre 13 e 28 de maio de 1905, segundo a tabela organizada por Silva Maria Azevedo e Tania Regina de Luca (2019), a qual evidencia que o material recolhido em volume por João do Rio era mais amplo do que ele pôde publicar no jornal (parte dele foi criado posteriormente à enquete jornalística). O texto de introdução que Azevedo e Luca (2019) fazem à nova edição de *O momento literário* chama, ainda, a atenção para as várias modificações que as entrevistas receberam na passagem do jornal ao livro, entre as quais o reordenamento das entrevistas, além dos acréscimos de algumas dessas formas e de uma espécie de “posfácio” (o “Depois”), fechando as reflexões do “Antes”, que abre a série de narrativas produzidas a partir das entrevistas.

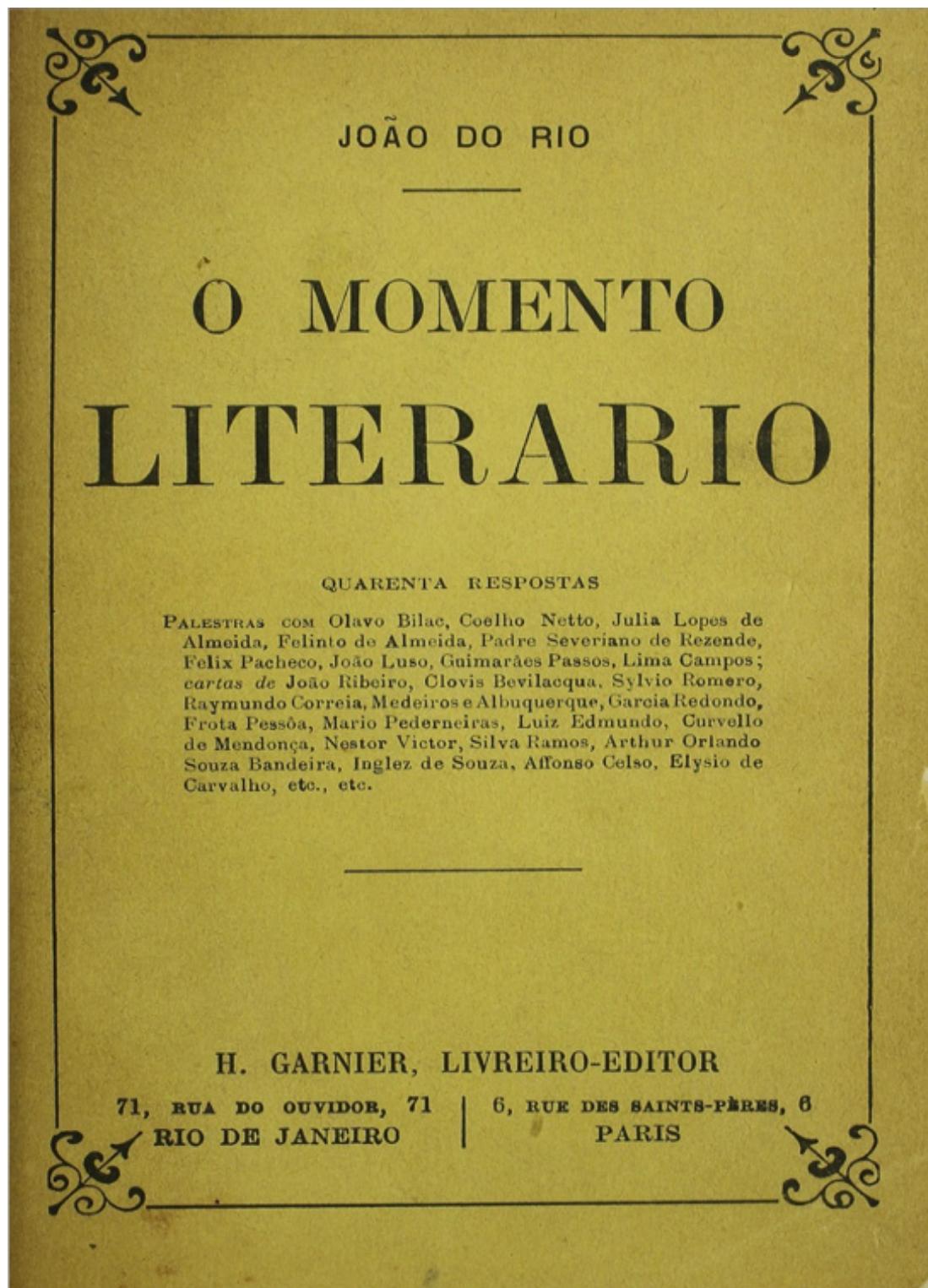
Em 21 de janeiro de 1909, o editor Hippolyte Garnier, herdeiro e sucessor de Baptiste-Louis Garnier, anunciou o aparecimento de *O momento literário. Inquérito à vida literária*, por João do Rio (Azevedo; Luca, 2019, p. 3). No texto do anúncio, lê-se que o livro:

² “Comme le reportage, l’Interview comporte une structure double: d’un côté, elle rapporte les paroles de l’interviewé, mais, de l’autre, elle met en scène de manière extrêmement codifiée, et d’ailleurs souvent romanesque, les conditions de la rencontre, elle campe un décor”.

[...] é um verdadeiro inquérito intelectual, inteiramente novo, no qual se tem notícia das ideias dos nossos homens de letras, como Clóvis Bevílaqua, João Ribeiro, Silvio Romero, Raimundo Correia, Coelho Neto, Dona Júlia Lopes de Almeida e outros nomes queridos das letras nacionais [...] (Azevedo; Luca, 2019, p. 3, grifo nosso).

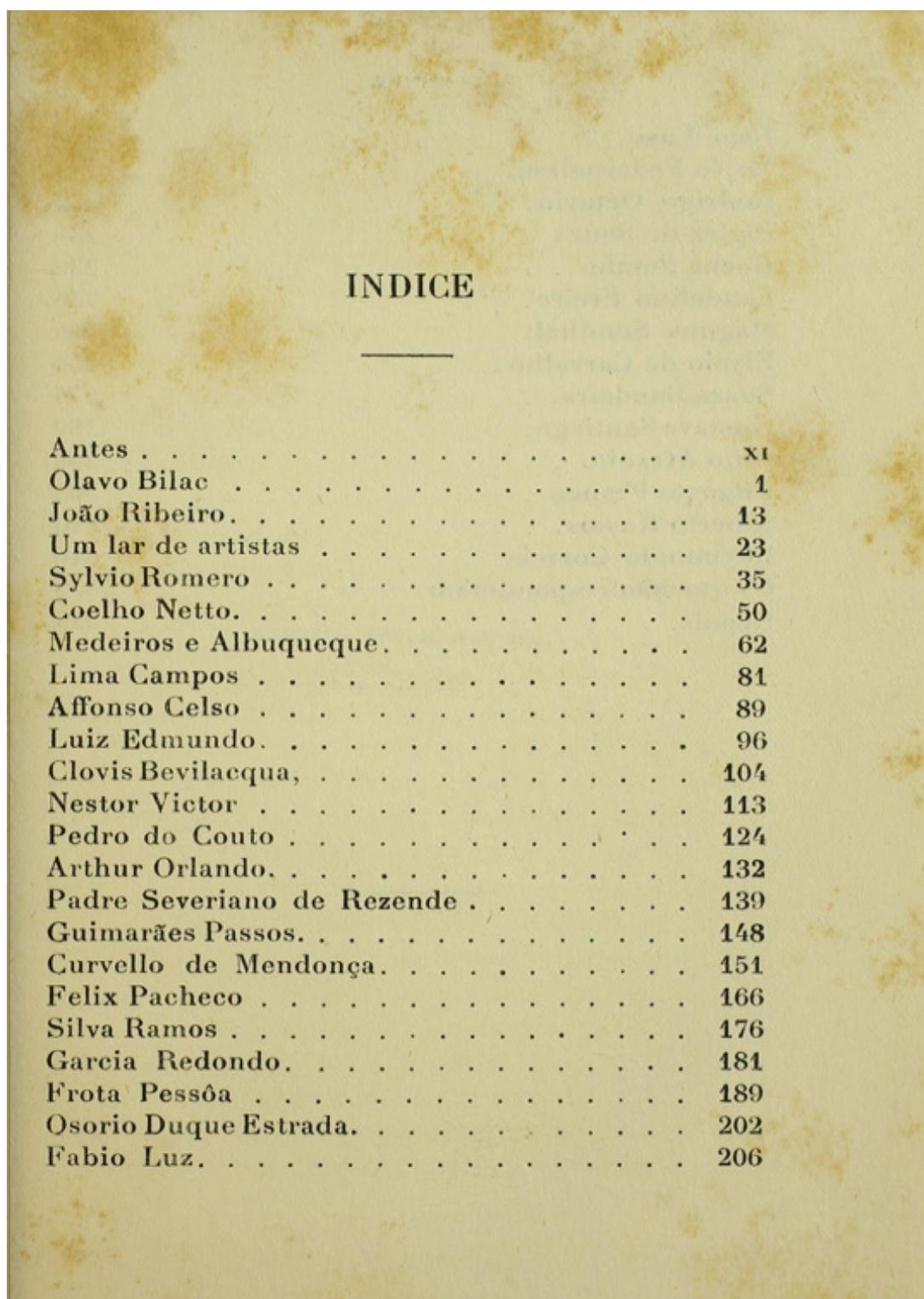
A publicidade em questão, juntamente com a organização e anúncio dos textos dentro do livro, conduziram-nos a um problema que envolve Júlia Lopes de Almeida nessa série de enquetes. A montagem de *O momento literário* mostra-nos algumas questões sobre a época e sobre mulheres intelectuais dentro dela: embora haja uma mulher-escritora na lista, o livro produziu um inquérito intelectual de nossos “homens de letras”; todos os “homens de letras” são tratados pelo nome e sobrenome, da forma como eram artisticamente conhecidos; já a mulher merece o “pronome de tratamento” “dona” antes de seu igualmente nome completo, da forma como era artisticamente conhecida. Evidentemente, a forma respeitosa – que é social, e não literária – exclui a mulher dos homens iguais entre si, ou ao menos, a diferencia deles. Se essa observação pode parecer demasiada, é preciso acrescentar que o nome de Júlia Lopes de Almeida consta da capa da primeira edição do livro, como mostra a Figura 1, mas, na organização das entrevistas, é considerada, junto com o marido, em “Um lar de artistas”, como mostra uma parte do sumário ilustrada pela Figura 2:

Figura 1 – Capa da primeira edição de *O momento Literário*



Fonte: Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso: 27 out. 2025.

Figura 2 – Parte do sumário da primeira edição de *O momento Literário*



	xi
Antes	xi
Olavo Bilac	1
João Ribeiro	13
Um lar de artistas	23
Sylvio Romero	35
Coelho Netto	50
Medeiros e Albuquerque	62
Lima Campos	81
Affonso Celso	89
Luiz Edmundo	96
Clovis Bevilacqua,	104
Nestor Victor	113
Pedro do Couto	124
Arthur Orlando,	132
Padre Severiano de Rezende	139
Guimarães Passos.	148
Curvello de Mendonça.	151
Felix Pacheco	166
Silva Ramos	176
Garcia Redondo.	181
Frota Pessôa	189
Osorio Duque Estrada.	202
Fabio Luz.	206

Fonte: Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso: 27 out. 2025.

Sem outros documentos (contratos e cartas trocadas entre autor e editor, por exemplo), é difícil compreender se a decisão de listar Júlia e Filinto na capa, desdobrando nesse frontispício nominalmente a “família literária” do sumário/capítulo, teve a participação do jornalista-escritor ou foi parte de uma intervenção editorial. Mas o texto em si, esse sim, é uma decisão de Rio desde a publicação no jornal: a família de escritores.

No contexto geral do sumário, só existem nomes de escritores homens e a única mulher-escritora aparece no seio da “família”, como se essas “bodas” possibilissem a carreira literária dela, ou, complementarmente, a carreira só fosse possível nessas condições. O texto demora-se, por exemplo, no início literário de Júlia, que também seria fruto de cenas familiares: a irmã que a denuncia ao pai como poeta, em sua tenra juventude, aos 19 anos, e o pai que, após isso, teria articulado a entrada da filha como articulista na *Gazeta de Campinas*.

Já no ambiente da família que criou com Filinto, João do Rio (2019, p. 65) descreve Júlia como uma mulher “cheia de bondade” ao recebê-lo como dona da casa, contrariamente ao marido, de “ar levemente imperioso”; destaca o fato de ela não concordar com as matrizes de “realidade” para sua obra (inspiração em cenas e personagens reais e mesmo construção de narrativas à clef); apresenta-a como boa mãe (às voltas com as aparições dos filhos na sala e preocupada com eles constantemente); vê nela a entusiasta dos versos e da obra do marido, colocando a composição dele acima da sua (o livro preferido, entre os que escreveu, seria *Casa verde*, porque feito em colaboração com Filinto); diagnostica uma escritora reticente quanto ao feminismo. Por fim, Júlia é descrita como “a criadora genial, [que] tem a arte de ser mãe” (Rio, 2019, p. 75) e seus livros são a “evocação do amor multiforme” (Rio, 2019, p. 75).

Embora o perfil construído por Rio insista mais na figura de Júlia do que na do marido, e embora se expresse declaradamente a admiração dele pela literatura da esposa – “Não era eu quem devia estar na Academia, era ela” (Rio, 2019, p. 75) –, a perspectiva pela qual Júlia Lopes é apresentada, em muito, deu o tom da recepção

da autora ao longo do século XX. Ela foi perpetuada como uma mulher intelectual, escritora, reticente às ideias mais avançadas da época, mas amparada, e mesmo tornada escritora, pelo homem da família de origem e pela família construída com ele.

Nesse texto de Rio, um primeiro exemplo da associação entre tornar-se escritora à sombra do patriarca, pai ou marido, está nos relatos da própria Júlia sobre o início de suas atividades literárias, reconstruídos pelo narrador e repetidos *ad infinitum* pela crítica, os quais apontam para a proteção do pai e do marido. Um segundo exemplo está no “Depois”, quando o narrador de Rio, ao argumentar com o “amigo” interlocutor que a crítica (literária) está acabada, atribui o sucesso de um autor unicamente ao público (Rio, 2019). Júlia Lopes de Almeida seria um exemplo da desnecessária leitura crítica sobre sua obra, à medida que a “colaboração da Sra. D. Júlia nos jornais aumenta a edição deles. Que importa à Sra. D. Júlia um crítico, dois críticos, três, uma dúzia mesmo contra ela? A sua marca é boa, vendável [...]” (Rio, 2019, p. 329).

Antes, porém, dessas observações sobre valor literário de cunho mercadológico, uma provocação do narrador dessas enquetes, ele define a grande circulação de Júlia como resultado de “ideias modestas e sem espalhafato” (Rio, 2019, p. 329), “sensibilidade sem extravagâncias” (Rio, 2019, p. 329), ambos os conjuntos tocando o público e resultando nas vendas dos periódicos. Júlia seria nesses termos uma escritora de sucesso à época, mas de textos modestos e sem grandes voos sobre “o feminismo, o nefelibatíssimo e outros maluquismos da civilização” (Rio, 2019, p. 329). Mais uma vez, apesar do tom jocoso do narrador, ideias críticas como essas enunciadas deram o tom à recepção e circulação das obras de Júlia por mais de um século. Sua obra só vem sendo re-lida e revalorizada na chave das ideias progressistas da escritora finissecular há menos de trinta anos (De Luca, 1999; Sharpe, 2004), o que faz com que a figuração da mulher e mãe como escritora de tom menor, e pouco crítica dos “maluquismos”, se venha alterando, embora a custo, recentemente.

Contra o abafamento da crítica social presente na obra de Júlia, e contra as explicações paternalistas para o talento e escolhas literárias da escritora, é preciso reunir textos e fatos. O primeiro deles mostra que a experiência jornalística de 1889, na *Província de São Paulo*, repetiria a de 1884, na *Gazeta de Campinas*. Quando em 1889, já casada com Filinto de Almeida ela passou a escrever para a *Província*, jornal para o qual o marido literato colaborava, ela foi destacada para contribuir ao lado de grandes nomes da Literatura Brasileira da época (Aluísio de Azevedo, Raimundo Correa, Valentim Magalhães, Alberto Oliveira e Raul Pompeia), conforme citado por Martins e De Luca (2024). O mesmo acontecera no periódico campinense, em 1884, quando seus textos ocuparam desde o início as principais colunas do folhetim dominical ou de datas significativas.³ Muitas vezes, esses textos dividiram a ocupação do espaço do entretenimento nos jornais (o rodapé ou folhetim), alternando-se com a republicação de grandes autores da época, como é caso de contos e de um romance de Machado de Assis, o que se deu entre agosto e dezembro de 1882. É evidente, portanto, a conquista de espaço simbólico pela jovem Júlia, o que pode ter sido efeito de sua relação empática com o público-leitor, nos termos de Rio, mas não da “influência” do pai ou do marido junto aos meios midiáticos da época.

Além do valor simbólico atribuído, um segundo argumento para discordar do tom abafado da obra de Julia, e já desde a juventude, tem a ver com os temas eleitos pela escritora e com seu alinhamento às práticas de escrita jornalística da época. Para isso, voltamos a seu segundo texto publicado, na *Gazeta de Campinas*, em 25 de dezembro de 1881. A crônica intitulada “A festa de Natal”, que celebrava no jornal a celebração em questão, traz um comentário moral sobre práticas do Natal, em oposição a sugestões da cronista:

³ A primeira autora do artigo estuda, neste momento, as crônicas e contos que Júlia Lopes publicou nos periódicos de Campinas-SP. Daí vêm as afirmações certeiras sobre esses escritos da tenra juventude de Júlia Lopes de Almeida.

Literatura

A Festa de Natal

Se tivesse forças, tentaria escrever uma série de folhetins ou historietas dedicados às crianças.

[...]

O homem sai da criança como o fruto sai da flor; nunca será, pois, por demais embutir no espírito em flor dos homens do futuro ideias do dever.

Por exemplo: tenho pensado que seria uma festa das mais bonitas, das mais deliciosas ao coração, reunirem-se as meninas ricas, cujo conforto sobra, para repartir com os que não tem, hoje, que é dia de Natal, em vez de levantarem no meio de seus salões uma árvore esplendente de objetos caros e quase sempre inúteis, brilhando por entre a folhagem cristalizada e cintilante por dezenas de lumes, farei fazerem coisa mais significativa, mais salutar para a alma, fazerem uma festa que fosse ao mesmo tempo um ensinamento e uma esmola dada com sorrisos meigos, com bondade afável, com ânimo infantil, em suma, como se devem dar as esmolas e como as ensinou Jesus a dar.

[...]

(Gazeta de Campinas, 25 dez. 1881, p. 1).

Muito embora a juveníssima Júlia adote nessa crônica o discurso moral-religioso para sugerir a caridade católico-cristã, e muito embora as sugestões do artigo sejam dirigidas ao público feminino – ou seja, às meninas e às mães que as deveriam ensinar –, é significativo que a narradora criada pela escritora moça faça oposição aos objetos caros e meramente decorativos da festa de Natal ou, mais à frente, ao luxo das vestimentas. Mesmo que a jovem escritora-jornalista sempre tenha vivido em posição social e financeira confortável, sua narrativa de comentários (a crônica) adota um tom seguro ao sugerir a caridade com os pobres à congregação das famílias. Com isso, ela mostra-se crítica ao esvaziamento do espírito natalino, mas, ao mesmo tempo, em termos literários, uma escritora alinhada à crônica jornalística da época, na

qual o narrador adota a autoridade ensaística e, senhor das ideias, dá uma espécie de parecer final sobre os fatos da semana e do tempo recente. Para além disso, outro tipo de alinhamento que aqui se sugere é o da crônica ao perfil progressista do periódico, já que o texto propõe um sistema social igualitário, de fundo liberal, com justificativa ideológica religiosa e moral. Depois de seguir essa linha interpretativa, resta a surpresa: desde os 19 anos de idade, essa mulher ocupou lugar de destaque na imprensa. Isso não pode continuar a ser lido como fruto de paternalismos.

No caso dos dois periódicos paulistas, portanto, para além dos espaços simbólicos conquistados (Bourdieu, 1992), algumas questões ligadas ao público leitor pesam no acolhimento privilegiado aos textos da escritora, como se analisou já àquela época. Como vimos, o narrador de João do Rio (2019) disse no posfácio “Depois” que as ideias modestas e sem espalhafato de Júlia, mais a sua sensibilidade, souberam tocar o público, pois a sua colaboração para os periódicos aumentava a edição deles, sendo a sua marca boa e vendável. Porém, a escrita rebaixada diagnosticada por Rio deve ser relativizada para além da sensibilidade e simplicidade femininas dos textos de Júlia. Essa observação, hoje em dia, além do des-serviço prestado à recepção da escritora, soa demasiado misógina. Melhor dizer que essa realidade de grande acolhimento envolveu os textos da escritora desde o início porque, como disse Thérenty (2019, p. 11, tradução nossa) sobre as mulheres jornalistas, “globalmente, o seu estatuto de ‘menor’ aos olhos da lei inscreve ainda as mulheres em uma relação com o imediato que é completamente diferente daquela dos homens”.⁴ Nessa linha, como se observa no todo dos textos com que colaborou na *Gazeta de Campinas*, as crônicas e contos de Júlia criaram empatia com um certo público por expressarem, em uma sociedade em franca transformação, um ponto de vista solidário às mulheres pobres, às trabalhadoras, aos trabalhadores pobres, ou mesmo aos escravizados. Na continuidade de sua obra, só para dar um exemplo entre dezenas existentes, está o conto “A escrava”, de *Traços e Iluminuras* (1887),

⁴ “Plus globalement, leur statut de mineures aux yeux de la loi inscrit encore les femmes dans un rapport au momende totalement différent de celui des hommes”.

no qual uma jovem convidada de uma festa em uma fazenda tradicional de Campinas (cafeicultora e escravocrata) importa-se com a máxima tristeza e solidão de uma escravizada, consequente a uma tragédia pessoal vivida.

Se a relação da escritora com o mundo partia desse lugar específico apontado por Thérenty, e se a justificativa para seus temas dentro das crônicas e contos do início – de que é um exemplo o texto sobre a festa de Natal da *Gazeta de Campinas* – era extraída das ideias cristãs, é preciso destacar uma questão sócio-política importante da formação de Júlia Lopes. Ela era filha de um médico que fazia parte de uma camada burguesa, a qual, embora vivesse na órbita de fazendeiros e de proprietários, já demonstrava uma mentalidade menos comprometida com o sistema escravista (Holanda, 1948), o que acontecia de forma ampla em Campinas, segundo demonstra Jefferson Cano (1993) em um estudo sobre escravidão, alforria e projetos políticos na imprensa campineira à época, incluso no periódico para o qual Júlia escrevera. Para completar, De Luca (1999) também evidencia a preocupação de Júlia com a condição feminina desde os seus primeiros escritos e, evocando as leituras que ela fazia dos grandes escritores de seu tempo, afirma que a residência da escritora, de forte ambiência literária e musical devido aos talentos do pai e da mãe, respetivamente, abrigava uma das famílias de mais elevado prestígio em meio à comunidade campineira e era frequentada pela nata da intelectualidade municipal à época.

Contrariamente ao que se diz na enquete de Rio – literariamente trabalhada, mas que contribuiu fortemente para a (des)valorização da obra de Júlia ao longo do XX –, a formação esmerada da moça, a concorrência de intelectuais de ideias progressistas à sua casa desde a sua mais tenra juventude, as leituras literárias que engrossavam seu cabedal de referências, além de seu olhar perspicaz por sobre aqueles considerados inferiores, são muito mais importantes para o talento, tom e temas de sua obra do que

qualquer explicação paternalista. O aproveitamento que a menina e mulher fizeram dessa ambiência e formação foram, ao fim e ao cabo, os responsáveis pelo destaque oferecido a ela na imprensa progressista de então.

2 Júlia Lopes de Almeida em casa e nas cidades: reportagens, entrevista e relatos de viagem

Anos mais tarde, Júlia Lopes de Almeida figurava como representante das letras nacionais no jornal *A Federação: Órgão do Partido Republicano*. O veículo de Porto Alegre, com inclinação política progressista, dava espaço à obra de escritoras e artistas. Em 3 de março de 1914, *A Federação* noticiou o chá que Júlia oferecera às organizadoras de uma homenagem feita para ela em Paris no mesmo ano: “Estiveram presentes o dr. Olynto de Magalhães, ministro do Brasil, e todas as escritoras francesas de nomeada aqui residentes” (*A Federação*, 3 mar. 1914, p. 6).

Embora o nome das escritoras não seja citado na nota, *A Federação* dedicou quase uma página à reportagem “Brasileiros em Paris: A Festa de D. Júlia Lopes” na edição de 29 de março de 1914. Trata-se da transcrição de uma reportagem de 18 de fevereiro do correspondente do *Jornal do Commercio*⁵ em Paris a respeito da convenção literária, de caráter cultural e diplomático, realizada na França. No texto, nomeiam-se as escritoras organizadoras. Entre elas, Mme. Jane Catulle Mendès, Séverine e Mme. Daniel Lesueur (pseudônimo masculino de Jeanne Loiseau), vice-presidenta da *Société de Gens de Lettres*.

A contribuição das mesmas escritoras é analisada no panorama *Femmes de presse, femmes de lettres: De Delphine de Girardin à Florence Aubenas*, conforme a proposta mais recente de Marie-Ève Thérenty (2019) de elaborar uma historiografia da imprensa que faça jus ao legado de escritoras como Delphine de Girardin e Séverine, as quais criaram os paradigmas da crônica e da reporta-

⁵ Não foi localizada até o momento a fonte primária do *Jornal do Commercio* referida pelo jornal *A Federação* em “Brasileiros em Paris” (*A Federação*, 29 mar. 1914, p. 5).

gem moderna por meio de estratégias que respondiam à exclusão sofrida pelas mulheres-escritoras nas letras oitocentistas. Na imprensa francesa, os espaços privilegiados do jornal eram regularmente negados a elas, sobretudo o editorial político e a primeira página (Thérenty, 2022).

Apesar da maior atenção dada às escritoras-jornalistas no artigo “Brasileiros em Paris: A Festa de D. Júlia Lopes”, elas ainda são referidas preferencialmente pelos nomes de família. Também se detalham outros fatores considerados pertencentes ao universo discursivo feminino, como as roupas e as modas da ocasião. O menu incluía “Tournedos Machado de Assis”, “Parfait Júlia Lopes de Almeida”, “Bacuri du Maranhão” e “café de S. Paulo”, entre outras iguarias (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5). Ademais, várias considerações críticas são feitas em torno de figuras masculinas canônicas das letras no Brasil e na França, ainda que se aborde um evento organizado centralmente por escritoras.

Na reportagem d’*A Federação*, predomina o relato do observador, de acordo com seu tom discursivo e recorte temático. Novamente, observamos as práticas de poéticas jornalísticas do longo século XIX que foram sistematizadas por Marie-Ève Thérenty (2007). Neste sistema cultural e midiático, o regime da informação passava a ser progressivamente valorizado, encontrando seu lastro na presença do jornalista que investigava *in loco* os temas sobre os quais escrevia (Thérenty, 2007). No entanto, o escritor-jornalista não deixava de empregar recursos de literariedade fundamentais ao jornal, a exemplo da ficcionalização, da ironia e do tom conversacional da linguagem (Thérenty, 2007).

Portanto, “A Festa de D. Júlia Lopes de Almeida” compõe um episódio a mais na série ambientada no “lar de artistas”, conforme traçado pela narrativa de João do Rio. Inclusive, o texto cita a expressão ao descrever como a poeta Mme. Catulle Mendès se lembrava do início da amizade com Júlia Lopes de Almeida, atribuindo o domínio do lar ao marido: “Ela recordou o seu primeiro encontro com dona Júlia Lopes na casa desta em Santa Tereza, recordando [...] a atmosfera íntima e familiar cheia de ternura e de afeto desse lar de artista, que é o do senhor Filinto de Almeida” (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5).

A linha definidora da figura de Júlia Lopes de Almeida é desenhada de acordo com uma identidade dupla. Sua identidade é disputada, de um lado, pelos papéis ambientados no espaço doméstico e, de outro lado, por uma voz projetada na esfera pública. No primeiro, atuam as personagens da amiga, da dona de casa, da esposa e da mãe. No segundo, atua a escritora-jornalista que, com frequência, tem suas ações justificadas com base na existência da primeira faceta de sua personalidade.

Enquanto parte considerável das escritoras nascidas no século XIX tinha uma atuação pública relevante em suas respectivas sociedades, os periódicos do século XIX e do início do século XX não deixavam de reiterar os aspectos íntimos de suas vidas. A ligação com o lar ou com a família era retomada para sustentar a ficção de gênero feminino, assegurando a devida regulação social (Butler, 2019) na abordagem de mulheres – artistas, intelectuais, jornalistas e ativistas –, que desafiavam os limites impostos às suas performances de gênero.

Os atributos domésticos das escritoras eram referidos como constituintes da sensibilidade, sendo instrumentos de empatia e, por esse motivo, supostamente facilitavam a escrita dialógica com o público leitor. Na festa de Paris, ao chamar as escritoras a trabalharem juntas, Júlia Lopes de Almeida ressaltava que o “mais nobre ideal” deveria ser “o da bondade perfeita e da paz universal” (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5). Assim, a pauta coletiva das escritoras era atravessada por valores emocionais. Lemos na citação direta do discurso de Almeida:

[...] Desde que deixei o meu país, tive a impressão de me haver desdobrado em duas individualidades perfeitamente distintas: esse fenômeno se apresenta, às vezes com tal nitidez, que me interrogo para saber se sou de carne e osso, tanto me sinto afastada, rodeada ainda em minha casa, pelo circuito das coisas familiares, curvada sobre a minha mesa de trabalho, no esforço ansioso, feroz, encarniçado, de transmitir ao papel os pensamentos que continuamente desabrocham no meu cérebro...

Nesta ansiedade, se não consigo dizer tudo o que quero e como quero, em todo caso me faço compreender. Mas, ai de mim! a escritora, a mulher de letras ficou lá longe. Esta que vedes é apenas uma fantasma da outra, porque só tem viva, no seu espírito, uma faculdade; a de saber admirar (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5).

Almeida prossegue declarando a admiração que tem pela cidade, pelas ruas, pelo povo, pelas “velhas cousas” e pelas “cousas novas” (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5). Nessa atitude contemplativa, a escritora brasileira compara seu espírito a uma borboleta vagando na primavera. Porém, segundo ela, seu coração permanecia o mesmo e era com ele “repleto de júbilo” (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5) que ela agradecia às amigas francesas.

Do contraste entre público e privado, espírito e coração, desdobram-se variações menos negociáveis do mesmo paradigma. À direita de Catulle Mendès encontrava-se Júlia Lopes Almeida e, à esquerda da organizadora do evento, Medeiros e Albuquerque representava a Academia Brasileira de Letras. A citação indireta do discurso de Albuquerque insinua a tentativa de escamotear a desigualdade da divisão do trabalho pelos gêneros, que ocorria especificamente nas práticas literárias e, de modo geral, na organização do tecido da sociedade:

O discurso do sr. Medeiros e Albuquerque foi brilhante como a sua farda rutilante de ouro. Referindo-se à exclusão das mulheres na Academia do Brasil como na França, observou que a Academia Brasileira cogitou em eleger d. Júlia Lopes. Mas já lá estava o marido – o que daria a sua entrada para a Academia um ar muito conjugal. Mas uma vez que não se elogia [sic] d. Júlia, outra mulher não deveria ser eleita, pois nenhuma outra merecia mais do que ela nossa consagração. A exclusão das mulheres da Academia Brasileira de Letras era, pois, uma homenagem a d. Júlia Lopes de Almeida – concluiu ele a exposição do paradoxo, que logo encantou o auditório (A Federação, 29 mar. 1914, p. 5, grifo nosso).

O registro conversacional do texto tem potencialmente um efeito de ironia e o encantamento do discurso de Albuquerque permite ser interpretado como admiração, engano ou até mesmo mal-estar. Nessa breve passagem, a culpa da exclusão das escritoras brasileiras do espaço institucional da ABL acaba se voltando contra a própria Júlia Lopes de Almeida. Medeiros e Albuquerque atribui ao mérito literário de Almeida (e ao seu matrimônio) os supostos motivos para interditar a entrada dela e de suas colegas na ABL. Segundo uma concatenação de argumentos falsos, Júlia Lopes de Almeida deveria integrar a Academia, mas por ser casada com um acadêmico não poderia fazê-lo sem danos para a imagem da instituição. Consequentemente, as demais escritoras não deveriam ocupar a ABL, uma vez que Júlia Lopes de Almeida – que deveria estar lá – não estava.

Como defende Rita Terezinha Schmidt (2019), o objetivo de formar um cânone literário brasileiro excludente no século XIX, que não exibia marcas de diferença ou de fratura em relação a gênero, classe e raça, era apresentar uma imagem idealizada do país para uma comunidade mundial. Esta performance de nacionalidade servia a um projeto ético e estético que tornava “aceitável” a participação do Brasil na competição internacional das letras (Casanova, 2002).

No discurso midiático da República Velha, a referência a instituições formais, como a ABL, apagava a dimensão da vida privada e dos aspectos materiais inerentes às práticas de escrita. De maneira oposta, no âmbito discursivo da mesma imprensa periódica, os temas cotidianos, e sobretudo as questões domésticas, eram mobilizados para figurar as escritoras-jornalistas com características de inadequação na esfera pública.

A obra de Júlia Lopes de Almeida, por sua vez, tematizava os obstáculos sociais e materiais que feriam a autonomia de mulheres. Da posição estratégica de escritora-jornalista, Almeida projetou sua voz tanto para defender a própria obra quanto para reivindicar maior independência às mulheres. Destacadamente, suas pautas envolviam direitos republicanos relativos à educação formal e ao trabalho remunerado de mulheres.

Entre as atividades públicas de Júlia Lopes de Almeida, podemos citar a viagem que ela realizou ao Rio Grande do Sul entre maio e agosto de 1918 para divulgar o livro *A árvore* (1916). A *árvore* foi escrito por Almeida em parceria com o filho, Afonso Lopes de Almeida, autor dos poemas da coletânea juvenil. Na viagem, a escritora-jornalista exerceu múltiplos papéis relacionados à carreira, como o de celebridade, de articuladora social e oradora. Almeida também anotou suas observações para a escrita de seu relato de viagem.

A Federação acompanhou os movimentos de Júlia Lopes de Almeida, desta vez, na própria região Sul:

Porto Alegre tem o prazer e a honra de hospedar d. Júlia Lopes de Almeida, Senhora na acepção especialmente bela do vocábulo, e escritora de fecunda e interessantíssima vida literária (*A Federação*, 6 maio 1918, p. 7).

Realizar-se-á amanhã, no teatro São Pedro, a anunciada primeira conferência da ilustre literata nacional d. Júlia Lopes de Almeida, que discorrerá sobre o tema "A mulher e a arte" (*A Federação*, 9 maio 1918, p. 5).

D. Júlia Lopes – CACHOEIRA, 2 – Chegou aqui, segunda-feira, a distinta escritora d. Júlia Lopes de Almeida, que foi recebida por grande massa popular, altas autoridades locais, o capitão Francisco da Gama, intendente, dr. Quintiliano da Silva, juiz de comarca, famílias e colégios (*A Federação*, 3 jun. 1918, p. 4).

A Federação mantinha as duas faces de Júlia Lopes de Almeida, a da "Senhora" e a da "escritora" (*A Federação*, 6 maio 1918, p. 7). A última detinha "a taça de ouro do campeonato feminil das letras nacionais" (*A Federação*, 6 maio 1918, p. 7), como se a escrita de mulheres fosse um domínio competitivo a ser considerado à parte.

Ao mesmo tempo, o jornal demonstrava adaptar-se como sistema midiático à visita de Almeida. Os anúncios da Livraria Echenique mudaram, enfocando a obra da escritora no período de sua estadia (Figura 3). Já na edição de 8 de maio de 1918, a terceira

página foi organizada em função do retrato da escritora, disposto no centro (Figura 4). Na mesma página, republicou-se o conto “A valsa da fome”, da coletânea *Ânsia eterna*, logo abaixo das notícias sobre a viagem de Júlia.

Nesta notícia de 8 de maio de 1918, aliás, menciona-se o conselheiro municipal Américo Moreira, que hospedava Júlia Lopes de Almeida em sua casa. Além disso, abordam-se as visitas de sociabilidade realizadas por Almeida nos encontros com a Associação Cristã de Moços e com o Clube do Comércio da capital do estado (A Federação, 8 maio 1918, p. 3).

Figura 3 – Anúncio da Livraria Echenique com destaque para a obra de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: A Federação (18 maio 1918, p. 2).

Figura 4 – Disposição gráfica da página 3 da edição 107 do jornal *A Federação*, organizada em torno do retrato de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: *A Federação* (8 maio 1908, p. 3).

Conforme o registro da atualidade na poética jornalística, a divulgação da conferência de Almeida sobre “A mulher e arte” no teatro S. Pedro conecta-se ao conto da autora publicado no rodapé d’*A Federação* de 8 maio de 1918. “A valsa da fome” narra a história de um pianista que se entregava à arte, porém, sem ter condições básicas para viver. Pela disposição dos dois textos, os leitores são convidados a refletir sobre os imperativos materiais presentes na vida de artistas.

No caso das mulheres, e especialmente do ponto de vista das escritoras, a independência financeira provia fatores indispensáveis para a atuação na carreira. A formação intelectual, a disposição de tempo e espaço de trabalho, além de itens essenciais de subsistência viabilizariam suas atividades artísticas e intelectuais. Nesse sentido, a independência material apresenta-se como prerrogativa para que as mulheres se desenvolvam de forma segura, como leríamos no ensaio de Virginia Woolf, "Um teto todo seu" (1929), anos depois.

Nas *Jornadas no meu país*, Júlia Lopes de Almeida desenha as impressões da viagem ao Sul em tom de testemunho. Nele, a narrativa joga luz sobre as condições materiais da vida das mulheres. A crônica de viagens descreve as detentas na correção de Porto Alegre (Almeida, 1920); as mestras da Escola Complementar (Almeida, 1920); a atividade editorial de Julieta e Revocata de Melo na direção do jornal independente *O Corimbo* (Almeida, 1920); e o orfanato gerido com fundos paroquiais de Bagé por iniciativa de Luciana Lealdina de Araújo (Caldeira, 2018; Almeida, 1920).

Lembramos, por fim, que na entrevista concedida ao jornal *A Federação*, em 1918, Júlia Lopes de Almeida comenta suas próprias circunstâncias de escrita quando é questionada sobre a preparação do livro de viagens. Almeida responde: "Escrevo as minhas crônicas, os meus artigos, os meus livros nas horas que posso roubar aos meus afazeres de dona de casa, de mãe de família" (*A Federação*, 15 ago. 1918, p. 2). Portanto, as vozes articuladas por sua obra fazem frente ao escamoteamento da desigualdade na divisão do trabalho pelos gêneros, pela classe e pela raça, destacando-se como um discurso que resiste contra a naturalização do apagamento de mulheres, recorrente no sistema midiático do mesmo período histórico.

3 Conclusão

O estudo do conjunto da obra de Júlia Lopes de Almeida tende a desfazer as apreciações paternalistas que ainda circundam sua obra. Este texto toma, portanto, o rumo de sugerir que desde os contos da *Gazeta de Campinas* (1881-1883), a voz narrativa de Júlia criaria formas de testemunho feminino para a reconstrução de fatos e memórias do cotidiano dos subalternizados, em diálogo com a sua posição de mulher. Embora, no início, ela se debruçasse sobre sociabilidades reduzidas (a vida urbana e rural em Campinas-SP, por exemplo), seus textos abriam caminhos em redes de contatos ao abordar temas para cuja sensibilidade ela estava naturalmente desperta. Nenhum desses talentos foi evidenciado no relato literário decorrente da entrevista feita por João do Rio. Embora a enquete resulte em texto romanesco, como vimos, e, no caso das conversas de Rio com escritores, contenha as ironias e provocações do narrador, a mãe e esposa exemplares “Dona Júlia” dividem espaço com uma escritora que apenas agrada ao público. Entre ganhos e perdas, a enquete literária de João do Rio, por sua inserção nos debates e formas jornalísticas da época, além de sua força literária e pujança, foram determinantes para a imagem da escritora por décadas.

Alternativamente, se investigarmos o contexto midiático em busca de apreciações sobre Júlia Lopes de Almeida, como ocorre na crônica publicada em 1881 e na cobertura da imprensa periódica do Rio Grande do Sul em 1918, a dualidade da escritora-jornalista abre-se para uma figura múltipla, que contempla a solidariedade e a associação com demais mulheres, tanto na vida doméstica quanto na esfera pública. Em *Jornadas no meu país*, por exemplo, a cronista interage com mulheres anônimas e conhecidas em instituições públicas, na literatura, na imprensa e na caridade do país. Nesse sentido, Júlia Lopes de Almeida cumpre a função de artista e de articuladora cultural, bem como a de investigadora jornalística,

para viabilizar a agência de mulheres que estavam às margens da República Velha. Sua obra traz em si a presença de indivíduos que trabalharam em busca de justiça social em meio às desigualdades e aos conflitos que vivenciavam.

Referências

A FEDERAÇÃO. A escriptora Júlia Lopes de Almeida. *A Federação*: Órgão do Partido Republicano, Porto Alegre, ano XXXV, n. 107, quarta-feira, 8 maio 1918, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=38908>. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. A viagem de D. Júlia Lopes de Almeida ao Sul. *A Federação*: Órgão do Partido Republicano, Porto Alegre, ano XXXV, n. 192, quinta-feira, 15 ago. 1918, p. 1-2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&_cf_chl_tk=7Gu9567UuGr2qvmw5COSR8saZnXghiQIgSeyFmFAuiA-1743796353-1.0.1.1-WcPLaDCsUh_AmVX0TRLLe1kUfQylg45G1mVcCoETr7Bk&pagfis=39512. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. Brasileiros em Paris: A Festa de D. Júlia Lopes. *A Federação*: Órgão do Partido Republicano, Porto Alegre, ano XXXI, n. 74, 29 mar. 1914, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=29158>. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. D. Júlia Lopes de Almeida. *A Federação*: Órgão do Partido Republicano, Porto Alegre, ano XXXV, n. 105, quinta-feira, 6 maio 1918, p. 7. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=38896>. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. D. Júlia Lopes de Almeida. *A Federação*: Órgão do Partido Republicano, Porto Alegre, ano XXXV, n. 108, quinta-feira, 9 maio 1918, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=38897>. Acesso em: 16 abr. 2025.

aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=38916. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. D. Júlia Lopes, CACHOEIRA, 2. *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, ano XXXV, n. 108, segunda-feira, 3 jun. 1918, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=39065>. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. Europa: França, Paris – 1º. *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, ano XXXI, n. 51, 3 mar. 1914, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=28959>. Acesso em: 16 abr. 2025.

A FEDERAÇÃO. Júlia Lopes de Almeida tem à venda a Livraria Echenique. *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, ano XXXV, n. 116, sábado, 18 de maio 1918, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=38966>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Jornadas no meu país – relato de uma viagem ao sul do Brasil em 1918*. Ilustrações de Albano Lopes de Almeida. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

AZEVEDO, Silvia; LUCA, Tania Regina de. Do jornal ao livro: o inquérito literário de 1909. In: RIO, João do. *O momento literário*. Organização, introdução e notas de Silvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019. p. 6-20.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. *O Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas-RS (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/ri/2809/O%20Asilo%20de%20c3%93rf%c3%a3s%20S%c3%a3o%20Benedito%20em%20Pelotas.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso em: 26 set. 2025.

CAMILOTTI, Virginia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia; MG: EDUFU, 2008.

CANO, Jefferson. *Escravidão, alforria e projetos políticos na imprensa de Campinas, 1870-1889*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1993. Disponível em: https://acervus.unicamp.br/acervo/detalhe/71930?guid=1758881403600&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1758881403600%26qu_antidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d71930%2371930&i=1. Acesso em: 26 set. 2025.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 12, p. 275-299, 1999.

GAZETA DE CAMPINAS. [Publicações periódicas de dezembro de 1881 a dezembro de 1882]. *Gazeta de Campinas*, Campinas-SP, n. 2387. Fundo: Jornais IHGSP. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

KALIFA, Dominique. Enquête judiciaire, littérature et imaginaire social au XIXe siècle. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, Madri, v. 33, p. 37-47, 2011. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/view/36664>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MARTINS, Milena Ribeiro; DE LUCA, Tania Regina. Do lar a rua: a construção de uma cronista. *In: MARTINS, Milena Ribeiro; DE LUCA, Tania (org.). Júlia Lopes de Almeida em O Paiz: 1884 a 1905*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024. 290 p. (Coleção As Mulheres no Jornal *O Paiz*; 4). p. 9-52.

RIO, João do. *O momento literário*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 74-89.

SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. *In: MUZART, Zahidé (org.). Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Editoras Mulheres; Edunisc, 2004, p. 188-238.

THÉRENTY, Marie-Ève. *Femmes de presse, femmes de lettres: de Delphine de Girardin à Florence Aubenas*. Paris: CNRS Éditions, 2019.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

THÉRENTY, Marie-Ève. Le “plafond de verre” des femmes journalistes du XIX^e siècle. *In: PLANTÉ, Christine; THÉRENTY, Marie-Ève (orgs.). Féminin/masculin dans la presse du XIX^e siècle*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2022, p. 337-353.

THÉRENTY, Marie-Ève. *Mosaïque: Être écrivain entre la presse et le roman*. Paris: Honoré Champion, 2003.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.